

A Chuva Pasmada

Mia Couto

com ilustrações de
Danuta Wojciechowska

2.^a edição

CAMINHO

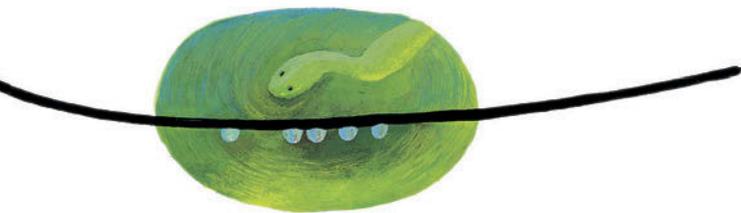
Ante o frio,
faz com o coração
o contrário do que fazes com o corpo:
despe-o.

Quanto mais nu,
mais ele encontrará
o único agasalho possível
– um outro coração.

Conselho do avô

Quero saltar para a água
para cair no céu.

Neruda, *Crepusculario*



Um gotejar sem chuva

Nesse dia, meu pai apareceu em casa todo molhado. Estaria chovendo? Não, que o nosso telhado de zinco nos teria avisado. A chuva, mesmo miudinha, soaria como agulhinhas esburacando o silêncio.

– *Caiu no rio, marido?*

– *Não, molhei-me foi por causa dessa chuva.*

– *Chuva?*

Espreitámos na janela: era uma chuvinha suspensa, flutuando entre céu e terra. Leve, pasmada, aérea. Meus pais chamaram àquilo um «chuvilho». E riram-se, divertidos com a palavra. Até que o braço do avô se ergueu:

– *Não riam alto, que a chuva está é dormindo...*

Durante todo dia, o chuvilho se manteve como um cacimbo sonolento e espesso. As gotas não se despenhavam, não soprava nem a mais pequena brisa. A vizinhança trocou visitas, os homens fecharam conversa nos pátios, as mulheres se enclausuraram. Ninguém se recordava de um tal acontecimento. Poderíamos estar sofrendo maldição.



Que houvesse um desfecho para aquela chuva: isso esperávamos com ansiedade. Nesse aguardo, eu me distraía olhando os milhares de arco-íris que luzinhavam a toda a volta. Nunca nenhum céu se tinha multiplicado em tantas cores. Dizia minha mãe, a chuva é uma mulher. Uma dessas viúvas de vaidade envergonhada: tem um vestido de sete cores mas só o veste nos dias em que sai com o Sol.

A indecisão da chuva não era motivo para alegria. Ainda assim eu inventei uma graça: meus pais sempre me tinham chamado de pasmado. Diziam que eu era lento no fazer, demorado no pensar. Eu não tinha vocação para fazer coisa alguma. Talvez não tivesse mesmo vocação para ser. Pois ali estava a chuva, essa clamada e reclamada por todos e, afinal, tão pasmadinha como eu. Por fim, eu tinha uma irmã, tão desajeitada que nem tombar sabia.

Fumos e névoas

Passou-se um dia sem que a chuva descesse. Nos juntámos na varanda interrogando os céus. Sob o alpendre fazia muito silêncio. Meu avô, no assento de balanço, chefiava a vigília. Ao lado, a cadeira sagrada de sua falecida esposa, nossa avó Ntoweni. Desde que ela morrera, o assento nunca mais fora ocupado por ninguém.

E agora ali estávamos nós, calados, incapazes de raciocínio e com medo de entender. Por fim, meu avô ousou falar.

– *Essa chuva traz água no bico.*

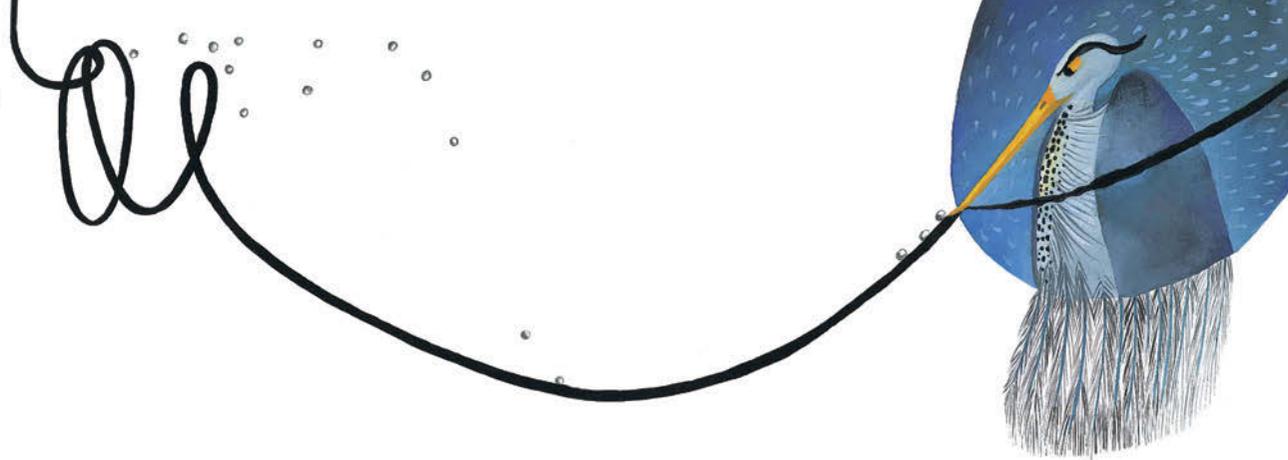
Foi de repente, meu pai se ergueu e anunciou o pensamento: havia que bater naquela água, forçá-la a tombar. Deu uns passos por diante e, num gesto largo, comandou:

– *Tudo a remexer!*

Saímos todos com pás, vassouras e panos. Todos menos o avô que mal se erguia sozinho. E varremos o ar, socando as gotas como se agredíssemos fantasmas. Mas a chuva não tombava, as gotas viravolteavam no ar e depois, como aves tontas, voltavam a subir.

Ao fim de um tempo, meu pai se afastou de nós para não vermos uma sombra pousar em seu rosto.

– *De onde vem isto?* – perguntou ele em voz quase viva, não querendo ficar calado, mas evitando ser ouvido.



- *Deve ser feitiço* – sugeriu o avô.
- *Não* – disse a mãe. – *São fumos que vêm da nova fábrica.*
- *Fumos? Pode ser, sim, isto só aconteceu depois dessa maldita fumaça...*
- *São esses fumos que estão a atrapalhar a chuva. A água fica pesada, já não aguenta ser nuvem...*

Estremecemos, aflitos: a chuva tinha perdido o caminho. Acontecia à água o que sucede aos bêbados: esquecia-se do seu destino. Um bêbado pode ser amparado. Mas quem poderia ensinar a chuva a retomar os seus milenares carreirinhos?

No poente, vimos o avô, o meu pai e os meus tios se encaminharem para o pátio do régulo. Assunto de chuvas é da competência dos deuses. É por isso que existem os samvura, os donos da chuva. São eles que falam com os espíritos para que estes libertem as águas que moram nos céus.

Os homens grandes se juntaram durante toda a noite, um mau presságio lhes dava encosto. O que sucedia era um jamais acontecido. Ninguém poderia ter ousado demoniar a chuva. Na nossa terra, toda água é benta.



Pingo voando sem peso

De pouco valera a cerimónia dos mandadores das nuvens. Na manhã seguinte, a chuva permanecia pendurada num invisível cabide, pairando sem peso. Do espanto passou-se à desconfiança. Meu pai, por exemplo, temperava as suspeitas:

– *Diga, meu sogro, acha que é obra dos nossos inimigos?*

O avô sorriu. Seus olhos rodaram como que lhe engordando o rosto. E respondeu:

– *Inimigos? Com a idade fui descobrindo que acabamos fazendo coisas bem piores que os nossos inimigos.*

Entre indagações e suspeitas, os nervos floriam na pele de todos. Minha mãe era a mais inconformada.

– *Marido, você que é o mais senhor, vá à fábrica e fale com eles...*

– *Está maluca, mulher? Sou pobre, quem vai escutar um ninguém como eu?*

– *Pobre é estar sozinho. Você se junte com os vizinhos, fale com eles...*

– *Não vale a pena, a maior parte ganhou emprego nessa fábrica, não vão nem abrir a boca...*

– *Mas tente falar, pelo menos com alguns.*

– *Eu sei com quem vou falar...*

– *Com quem?*

- *Eu cá sei.*
- *Você vai é falar com ninguém, eu já lhe conheço muito bem. Já estou habituada: nenhuma cabeça, nenhuma sentença...*

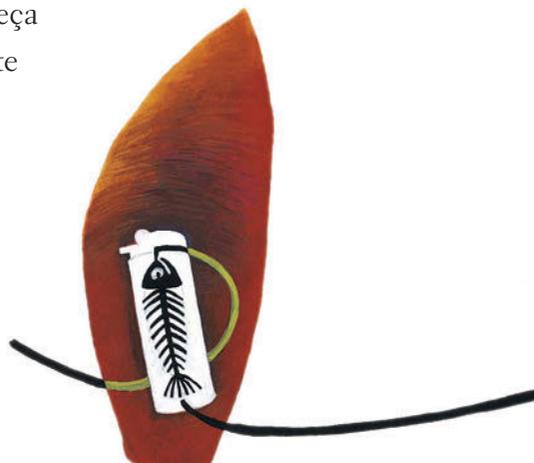
Minha tia, benzendo-se, aproveitou a pausa e atalhou:

- *O que podemos é falar com o senhor Padre.*
- *Esse também não é o caminho –, disse o avô. – Somos pobres, não temos anjos nem santos.*
- *Mas temos Deus que é de todos...*

Meu velho tesourou a conversa, retirando-se para o pátio. Apoiou-se no muro do poço e ficou espevitando o isqueiro. Sentei-me junto dele, quieto. Até que ele espetou o braço bem no fundo do poço e acendeu a chama. O escuro ganhou paredes redondas, povoado pela labareda bêbada.

- *Não tarda que acabe a água – disse o meu velho.*

Depois, lançou os olhos na savana, coberta de gretas e varizes. Ainda me veio à cabeça que ele lançasse o isqueiro incandescente sobre o capinzal. Do modo que tudo secara, seríamos devorados por um incêndio. Lavados pelo fogo, agora que a água parecia nos manchar.



E talvez, então, a chuva se resolvesse a tombar e a despenhar daquela meia dúzia de palmos de altura onde se suspendera. A voz de meu pai me trouxe ao mundo:

– *Vai ser assim que o avô vai morrer.*

– *Assim, como?*

– *Seu avô vai secar.*

O nosso mais-velho estava minguando, empedernido, desde que ficara viúvo. Emagrecera tanto que, quando saíamos para o campo, o amarrávamos à perna da cadeira, na varanda. Com medo dos ventos da tarde. Era assim que o deixávamos, sentado, olhando o rio. Apenas a cadeira sagrada da avó Ntoweni lhe fazia companhia. Na família reinava a crença de que Ntoweni ainda ali se sentava, a escutar os sonhos do seu não falecido esposo. Os dois eram como a aranha e o orvalho, um fazendo teia no outro.

Quando regressávamos, no final do dia, o avô ainda ali estava. Seus olhos já tinham consumido toda aquela paisagem. E havia um ressentimento quando, fingindo-se ligeiro, nos atirava:

– *Antes ao sol que mal acompanhado!*

Certa vez, quando regressávamos, ele me chamou e me segredou ao ouvido:

– *Ntoweni engravidou!*

– *Ntoweni?*

O velho apontou o pé direito, todo inchado.

– *Essa é Ntoweni, minha falecida...*

Para enxotar a solidão, o avô dera nome aos pés. Cada um batizado por engenho de seus delírios, em jogo de marionetas. Mordido pela curiosidade, aticei-o:

– *Essa é a avó. E a outra como se chama?*

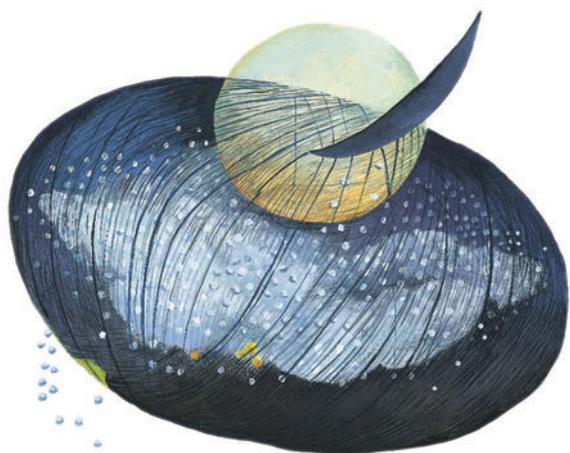
Um risco malandro lhe arredondava o sorriso. Não podia confessar. Morreria com aquele nome, só para ele.

– *Mentira – desdizia em seguida. – Minha saudade existe toda só para Ntoweni. Venha cá, meu neto: você nunca chegou de conhecer essa sua avó legítima?*

– *Nunca, avô. Desencontrámo-nos. E como era ela?*

– *Ntoweni era tão bonita que nem precisava ser jovem...*

Todos me falavam da sua beleza. Mas ela não gostava de ser bela. A avó sempre respondia: se eu sou bela então maldita seja a beleza! Era assim que ela falava. A beleza, dizia, era uma gaiola que o avô inventara para ela ser pássaro. Um desses pássaros que canta mesmo em cativeiro. E o engano dessas aves é acreditar que o céu fica do lado de dentro da gaiola.



O fluir do Rio Seco

Passaram-se mais dias. O rio emagrecera mais do que o avô, os terrenos encarquilharam, o milho amarelecia.

Nessa noite, a lua estava cheia. No escuro, o luar se replicava nas mil gotinhas, acendendo um fantástico presépio. Nunca eu tinha assistido a tanta luz noturna, o estrelar do céu mesmo sobre o nosso teto. Meu pai sorriu:

– *Já temos lua elétrica!*

E nos fez sorrir. Olhei o seu rosto cansado, como se encontrasse nele razões da sua atitude, sempre ausente e preguiçosa. Ainda miúdo, meu pai tinha ido para as minas, lá no Johni. Saíra jovem, voltara envelhecido. Os que ficam órfãos veem os seus pais serem engolidos pelo chão. O fundo da terra roubara de mim o meu pai, sem o levar da vida. Em menino, eu acordava chorando no meio da noite. Minha mãe acudia, pronta:

– *Sonhou com ele, meu filho?*

Não. Nas minas do ouro meu velho descia tão fundo que os meus sonhos já não chegavam nem à sua lembrança. Meu sonho era outro, mais escuro. Anos depois, meu pai regressou mas permaneceu ausente, como se lhe faltasse algum inferno. E partiu de novo. E regressou. E voltou a partir.